

PR/SCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:
Estudos Biográficos do Museu
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Presidente: José Sarney

SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE
EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

Sumário

Apresentação	12
Prefácio	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880)	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899)	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900)	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888)	59
José Ferreira Cantão (1827-1893)	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906)	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878)	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912)	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919)	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929)	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946)	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957)	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984)	138
Walter Alberto Egler (1924-1961)	150

Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

Oswaldo Cunha orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha
Diretor Geral
MPEG/CNPq/SCT

Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi" (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal "A Província do Pará". Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-

turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranqüilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



Aureliano Pinto de Lima Guedes

(1848-1912)

O professor Tenente-coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes foi um homem de grande iniciativa que muito colaborou com o Museu Paraense, principalmente nos estudos geográficos e arqueológicos, que efetuou no antigo território do Contestado, hoje Amapá, e que constituem levantamentos sérios e insuperáveis. Ele não chegou a ser funcionário do Museu, mas aqui prestou serviços por solicitação de Emílio Goeldi, com a autorização do Governador por cerca de 3 anos, desde 1894 a 1897. Não quis continuar neste mister, embora Goeldi fizesse tudo para que ele ficasse, pois os seus serviços eram imprescindíveis.

Aureliano Lima Guedes nasceu em Salvador, Bahia, a 16 de novembro de 1848. Muito jovem se fixou em Belém, onde fez seus estudos no antigo Seminário do Carmo, seguindo depois para a França, pretendendo seguir a vida eclesíastica. Mas depois de algum tempo abandonou, voltando ao Pará. Entretanto, na França, estudou Música, para cuja arte tinha grande pendor. Não tendo mais vocação para sacerdote, Lima Guedes

resolveu seguir a carreira militar e ingressou no Exército, galgando nobremente todos os postos até Tenente-coronel, nos últimos dias da vida. Como Major comandou, em Belém, o Batalhão 90º de Infantaria em 1890. Possuía boa cultura humanística. Foi compositor e músico de boa qualidade, ótimo e honesto administrador, empreendedor e extremamente humano, ao ponto, como dissemos antes, de Emílio Goeldi ter verdadeira admiração por sua pessoa.

Aureliano Guedes havia sido também um republicano histórico no Pará. Por algum tempo foi Diretor do antigo Instituto Providência, que ficava à margem da extinta Estrada de Ferro de Bragança (entre Ananindeua e Marituba), estabelecimento fundado pelo eminente Bispo D. Antônio de Macedo Costa. No Pará Lima Guedes havia estudado música com o compositor e professor Henrique Eulálio Gurjão.

Como compositor e regente de bandas de músicas e orquestras, Aureliano Guedes ficou muito conhecido, pelas suas execuções nos teatros de Belém. No dia 5 de junho de

1895, quando o célebre compositor Carlos Gomes assumia o cargo de Diretor do Conservatório de Música, Lima Guedes, que era ali professor de instrumentos de metal (sopro), regeu a banda de música do 1º Corpo de Infantaria, em homenagem ao grande mestre. Foi professor de Música no Liceu Paraense, Escola Normal e no antigo Conservatório de Música, mais tarde Conservatório Carlos Gomes. Chefiou e dirigiu vários órgãos civis da administração pública do Pará. Foi republicano histórico, junto com Lauro Sodré, Justo Chermont, Paes de Carvalho, José Veríssimo e muitos outros.

O Prof. Lima Guedes foi um dos mais prestativos colaboradores do Museu na fase remodeladora entre 1891-1894 e em particular entre 1894-1897, empreendida por Emílio Goeldi. Além de presentear o Museu com várias doações, efetuou duas importantes excursões comissionado pelo Governo do Estado para levantamento e coleta de material arqueológico, principalmente, e de animais, plantas e amostras geológicas.

A primeira excursão de Aureliano Lima Guedes foi realizada em companhia de Goeldi, Huber e outros do Museu, nos meses de outubro-novembro de 1895 à antiga região da Guiana brasileira então território do Contestado (ex-Território Federal, hoje Estado do Amapá), com maior ênfase ao litoral entre o Oiapoque e o Amazonas. A excursão foi iniciada pela exploração da região entre os Rios Cunani (antigo Goanany) e Cassiporé. Na segunda etapa estudaram a área denominada Amapá e zona dos lagos vizinhos. Informava Goeldi que esta região não havia ainda sido visitada por qualquer naturalista e por isso era "terra incógnita"

no verdadeiro sentido.

A segunda excursão do Tenente-coronel Lima Guedes, plena e satisfatória, foi realizada também na região da antiga Guiana brasileira (Amapá), mais precisamente aos rios Maracá e Anauerapucu, em companhia do seu filho Manoel Lima Guedes, então preparador de botânica e com auxiliares da região. A viagem estendeu-se de 20 de julho a 12 de outubro de 1896. Esta foi muito importante sob o aspecto arqueológico, pois visou ao levantamento de numerosos sítios com abundante coleta de objetos de cerâmica de índios extintos, cujos exemplares vieram enriquecer as coleções do Museu. Além desse trabalho, o professor levou a cabo a exploração de pequenos igarapés e a localização de todos os cemitérios indígenas conhecidos e bem como de toda a costa do Amazonas, entre os dois rios acima citados. A referida exploração visou igualmente a uma boa coleta de espécimes de plantas, de animais e amostra petrográficas dos dois rios.

Os resultados dessa exploração foram dados através de um Relatório detalhado publicado no Boletim do Museu, volume 2º, 1897.

Sobre a contribuição de Aureliano Guedes, nessas viagens, Emílio Goeldi deu o seu parecer no trabalho "Escavações archeológicas em 1895", publicado nas *Memórias do Museu* em 1900, I, página 2: "Deste sucesso deve o Museu Paraense parte leonina à habilidade e experiência do nosso amigo e prestimoso companheiro de viagem Sr. Tenente-coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes, do Pará. Sumo prazer nós é reconhecer publicamente, aqui, em ocasião própria tal dívida de gratidão".

Atualmente, quem é que ouve

falar em Aureliano Pinto de Lima Guedes? O seu nome está completamente esquecido em nosso meio. Aureliano Guedes casou-se pelos idos de 1880 ou 81 com Joana Portugal de Pinto Lima Guedes, brasileira de pais portugueses com quem teve 11 filhos, dos quais um foi zeloso preparador de botânica, Manoel Lima Guedes que faleceu em janeiro de 1902 com 18 anos e 7 de serviço no Museu. Este jovem era tão talentoso quanto o pai que o tinha em alta estima. O Dr. Jacques Huber, botânico e antigo Diretor do Museu (de 1907 a 1914) teve grande afeto pelo filho de Aureliano Guedes, que era seu dileto auxiliar, ao ponto de ter o seu nome em três espécies de árvores e plantas — uma figueira (*Clusia guedesii* Hub. 1902), uma jataíba (*Guarea guedesii* De Candolle 1902) e um maracujá (*Passiflora guedesii* Hub. 1901), que ele havia descoberto, quando descritas por Huber e De Candolle; além destas também uma abelha (*Mesocheira guedesii*, Ducke 1902), batizada por Ducke, 1902.

Algumas notas sobre a família de Lima Guedes foram fornecidas por um de seus filhos vivos, o Sr. Antônio Lima Guedes em 1976, então com 86 anos, morando em Icoaraci, subúrbio periférico de Belém, em companhia de netos e bisnetos.

O Tenente-coronel Aureliano Lima Guedes faleceu em uma de suas fazendas na ilha de Marajó — a fazenda Vila Nova do Teso — no município de Cachoeira, no dia 2 de março de 1912, com a assistência de toda a família e aí mesmo sepultado. Tinha então 64 anos e sua última função pública antes de adoecer foi a de Diretor Mestre do Ensino Técnico do Instituto Lauro Sodré onde todos o estimavam muitíssimo.

Trabalho publicado

1898. Relatório sobre uma Missão ethnographica e archeologica aos Rios Maraca e Anauera-Pucù (Guyana Brasileira). *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.* 2: 42-63.

Fontes de Consulta

1912. Tenente-Coronel Aureliano Guedes. Obito. *Jornal A Provincia do Pará*, 3 mar.
1912. Tenente-Coronel Aureliano Guedes. Obito. *Jornal o Estado do Pará*, 8 mar.
1912. Aureliano Pinto Guedes. Obito. *Jornal Folha do Norte*, 8 mar.
1912. Aureliano Pinto Lima Guedes. *Revista do Ensino*. 2: 62.